

MARGARET MAZZANTINI

A rosa de Sarajevo

Tradução

Federico Carotti

Copyright © 2008 by Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Venuto al mondo

Capa

Victor Burton

Imagem da capa

Tinta sobre buracos na rua causados por explosões de granadas durante o cerco de 1992-95

© Danilo Krstanovic/Reuters/ LatinStock

Sarajevo, Bósnia

Maior de 2011

Preparação

Jane Pessoa

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mazzantini, Margaret

A rosa de Sarajevo / Margaret Mazzantini ; tradução Federico Carotti. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Venuto al mondo

ISBN 978-85-359-1899-1

1. Romance italiano I. Título.

11-05344

CDD 853

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura italiana 853

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

A viagem da esperança, 11
Foi Gojko quem me levou, 39
Voltei a entrar em minha vida, 62
Esperamos no saguão, 91
O que lembro daquele dia?, 123
É uma igreja, 146
Em Dubrovnik o sol flutuava, 171
Foi rápido, 191
Estamos na classe executiva, 202
Pietro se vira na cama, 236
A mulher da pensão, 267
Olho o céu pela janela, 297
Pilhas, vitaminas, lampiões de acampamento, 318
Depois da chuva saem os caracóis, 345
Pietro está na frente do espelho, 363
A porta se abre para o silêncio, 397
Meu pai recebeu o telefonema, 407
A bagagem está fechada em cima da cama, 424
Estamos deixando Sarajevo, 436
O dia é um céu vivo, 449
Caminho na areia, 484
Agradecimentos, 493

A viagem da esperança

A viagem da esperança... palavras que sobram, entre tantas, no final do dia. Lidas na farmácia, num recipiente de vidro ao lado do caixa, com uma fenda para introduzir o dinheiro e a foto de um menino pregada com fita adesiva, um daqueles que têm de viajar para longe para tentar uma operação, uma viagem da esperança, justamente. Viro a cabeça no travesseiro, solto suspiros. Olho o corpo de Giuliano, parado, pesado. Dorme do jeito dele, de costas, com o peito nu. Às vezes emite um pequeno grunhido, como um animal sossegado espantando mosquitos.

Esperança, penso nessa palavra que adquire forma no escuro. Tem o rosto de uma mulher um pouco desolada, dessas que arrastam sua derrota e mesmo assim continuam a lutar com dignidade. Meu rosto, talvez, o de uma moça envelhecida, parada no tempo, por fidelidade, por temor.

Vou para a sacada, olho a vista de sempre. O prédio em frente ao nosso, as persianas fechadas. O bar com o letreiro apagado. Há o silêncio da cidade, poeira de sons distantes. Roma dorme. Dorme sua festa, dorme seu pântano. Dormem as periferias. Dorme o papa, seus sapatos vermelhos estão vazios.

O telefonema chega de manhã bem cedo. Tenho um sobressalto quando

toca, vou tropeçando pelo corredor, falo talvez alto demais para parecer que estou desperta.

“Alô.”

Uma interferência na ligação, como vento farfalhando entre os ramos.

“Posso falar com Gemma?”

O italiano é bom, se bem que as palavras soem muito escondidas.

“Sou eu.”

“Gemma? É você, Gemma?”

“Sim...”

“Gemma...”

Repete meu nome e agora ri. Reconheço essa risada rouca, arrastada... num segundo toma conta de mim.

“Gojko...”

Para um pouco. “Sim, o teu Gojko.”

É uma explosão contida. Um vazio imenso que se enche de detritos.

“O meu Gojko...”, balbucio.

“Ele mesmo.”

O cheiro dele, o rosto dele, os nossos anos.

“Faz meses que tento encontrá-la por meio da embaixada...”

Pensei nele poucos dias atrás, na rua, de repente, por causa de um rapaz que estava passando e talvez fosse parecido com ele.

Conversamos um pouco: *Como vai? O que você anda fazendo? Passei alguns anos em Paris e agora estou de novo em casa...*

“Está havendo uma exposição para lembrar o cerco... as fotos de Diego também estão lá.”

O frio do chão me sobe pelas pernas, detém-se na barriga.

“É um acontecimento.”

Ele ri de novo, como costumava rir, sem alegria verdadeira, mais para consolar aquela tristeza leve e constante.

“Venha.”

“Vou pensar, sim...”

“Não precisa pensar, precisa vir.”

“Por quê?”

“Porque a vida passa, e nós com ela. Lembra?”

Claro que lembro.

“E ri da gente, como uma velha puta desdentada esperando o último cliente...”

Os versos de Gojko... a vida como uma longa balada. Agora lembro sua maneira de mexer no nariz, de apertá-lo feito cera mole enquanto recita aqueles versos que escreve em caixinhas de fósforos ou na mão. Estou de calcinha, descalça. Gojko está vivo, sempre esteve vivo. De repente me pergunto como pude renunciar a ele durante esse tempo todo. Por que às vezes na vida renunciamos às melhores pessoas em favor de outras que não nos interessam, que não nos fazem bem, simplesmente nos atrapalham, nos corrompem com suas mentiras, nos tornam medrosos?

“Combinado, vou.”

A lama seca da vida agora é poeira voando em minha direção.

Gojko exulta, dá um grito de alegria.

Havia poeira quando deixei Sarajevo, erguia-se das coisas, impelida pelo vento gelado, turbilhonava nas ruas, apagava o que ficava para trás. Cobria os minaretes, os prédios, os mortos do mercado, enterrados sob as verduras, as quinquilharias, os pedaços de madeira das bancas derrubadas.

Pergunto a Gojko por que me procurou só agora, por que só agora sentiu saudade de mim.

“Há anos sinto saudade de você.”

Sua voz some por trás de um suspiro. De novo um ruído de vento... de quilômetros de distância.

De repente fico com medo que a ligação caia e volte aquele silêncio de anos, que agora me parece insuportável.

Peço depressa seu número de telefone. É um celular, anoto-o num pedaço de papel com uma caneta que não escreve. Teria de procurar outra, mas tenho medo de me afastar do telefone. A interferência está cada vez mais alta. Vejo um fio de telefone que se rompe e cai faiscando... quantos fios pendurados no vazio vi naquela cidade isolada. Agarro o passado, calcando forte no papel, com receio de perdê-lo outra vez.

“Ligo para avisar a que horas chega o avião.”

Vou ao quarto de Pietro, despejo suas canetas, escrevo por cima daquele número sem cor. Pietro dorme, os pés compridos para fora do lençol. Penso o que costumo pensar quando olho para ele deitado, que sua cama agora é pe-

quena demais e precisa ser trocada. Recolho o violão, largado no chão ao lado dos chinelos. Vai ficar bravo, será uma briga para convencê-lo a vir comigo.

Tomo banho e encontro Giuliano na cozinha. Já fez o café.

“Quem era no telefone?”

Não respondo na hora, estou com os olhos vítreos, imóveis. No chuveiro minha pele pareceu firme como antigamente, quando tomava um banho rápido e saía de casa com os cabelos molhados.

Falo de Gojko e digo que quero viajar.

“Assim, de repente?”

Mas não me parece surpreso.

“Contou para Pietro?”

“Está dormindo.”

“Talvez seja o caso de acordá-lo.”

Está com a barba por fazer, os cabelos desgrehados lhe caem na testa, nota-se mais a calvície no meio da cabeça. Durante o dia ele sempre está alinhado, é um animal de cidade, de quartéis, de arquivos. Aquela desordem é só para mim, e ainda me parece nossa melhor parte, a mais cheirosa e secreta... a dos primeiros tempos, quando fazíamos amor e depois ficávamos sentados, nus e despenteados, um olhando o outro. Somos marido e mulher, ele surgiu num aeroporto militar dezesseis anos atrás. Mas, quando lhe digo que salvou minha vida, ele balança a cabeça, fica vermelho, diz que não é verdade, diz *foram vocês, você e Pietro, que salvaram a minha*.

Está voraz. Aproveita a situação, meus olhos atônitos, e come outra fatia de bolo.

“Depois não reclame da barriga...”

“Você é quem reclama, eu me aceito.”

É verdade, ele se aceita, por isso é tão acolhedor. Levanta, toca meu ombro de leve.

“Faz bem em ir.”

Viu em meus olhos que estou reavaliando... de repente sinto medo. Eu me atirei rápido demais para o passado, para o ardor da juventude. Que agora me parece apenas nostalgia. Sinto um frio no pescoço, tenho de voltar ao banheiro para passar o secador nos cabelos. Sou eu de novo, uma jovem derrotada a um passo da velhice.

“Preciso me organizar, tenho que ir à redação, não... não sei.”

“Pelo contrário, você sabe, sim.”

Diz que vai me telefonar do escritório quando estiver na internet, talvez consiga encontrar passagens em promoção, sorri:

“Não acredito que haja fila para ir a Sarajevo.”

Vou ao quarto de Pietro, abro a janela. Num gesto brusco, ele cobre a cabeça com o lençol. Fico ao lado de uma múmia.

Este foi o ano da mudança, ele deixou seus ossos de criança para se tornar uma grande garça claudicante que ainda não controla direito os movimentos. Começou a olhar fixo para o chão como quem procura ouro, a sair de casa sem se despedir, a comer de pé na frente da geladeira. Foi reprovado na escola, foi de uma burrice desarmante, não fez o menor esforço, e nos últimos meses, em vez de se aplicar, fechou-se numa prepotência ridícula. Viro-me ressentida ao ouvir seu vozeirão mal-humorado que só se dirige a mim para exigir, para me repreender. Onde foi parar aquela vozinha lamuriosa que por anos me acompanhou? Conseguia falar tão bem com ela, parecia que combinava com a minha.

Agora ele me dá pena. Quando dorme, quando seu rosto relaxa, imagino que ele também deve sentir falta daquele corpo delicado, em poucos meses devorado pelo monstro da puberdade, e que ainda o procura durante o sono. Por isso não quer acordar.

Abaixo-me, tiro o lençol da cabeça dele, toco seus cabelos que se tornaram ásperos, ele me afasta.

Sente-se aborrecido por não ter passado de ano. Agora que é verão, sai com sua raquete e tênis número 43, e volta irritado com seus amigos, resmungando que não quer mais vê-los, porque no ano que vem não estarão na mesma classe e acha que foram eles que o traíram.

“Preciso conversar com você.”

Num segundo se levanta da cama, o peito descoberto.

“Estou com fome.”

Assim, falo com ele na cozinha, enquanto espalha Nutella nos biscoitos. Prepara pequenos sanduíches que engole de uma só vez.

Está com a boca suja, encheu a mesa de farelos, abriu mal o pacote de biscoitos, rasgou a embalagem de cima a baixo.

Não digo nada, não posso repreendê-lo o tempo todo. Assisto em silêncio ao banquete de meu filho, depois lhe conto da viagem.

Balança a cabeça.

“Nem pense nisso, mãe, você vai sozinha.”

“Olha que Sarajevo é uma cidade lindíssima...”

Sorri, balança as mãos juntas, e me olha com seu rosto simpático, esperto.

“Mas o que você está dizendo, mãe! Que coisa mais ridícula, todo mundo sabe que a Iugoslávia é o fim da picada.”

Contenho-me, enrijeço os braços.

“Não se chama mais Iugoslávia.”

Engole outra bolachinha, a Nutella escorre. Recolhe o chocolate com o dedo e o lambe.

“É a mesma coisa.”

“Não é a mesma coisa.”

Abaixo a voz, quase implorando.

“Uma semana, Pietro, você e eu... vamos nos divertir.”

Olha para mim, agora é um olhar autêntico.

“Como nos divertiremos? Ora, mãe...”

“Iremos até o litoral, tem um mar maravilhoso.”

“Então vamos para a Sardenha.”

Estou fazendo um esforço para não desmoronar, e esse idiota fala da Sardenha. Levanta e se espreguiça. Vira-se, olho suas costas, a penugem na nuca.

“Mas você não quer mesmo conhecer onde teu pai morreu?”

Larga a xícara na pia.

“Que saco, mãe...”

Estou suplicando, com a voz fraca e incerta. A voz dele quando era criança.

“Pietro... Pietro.”

“O que você quer?”

Fico de pé, sem querer derrubo a caixinha de leite.

“Como *o que eu quero*? Era teu pai!”

Dá de ombros, olha para o chão.

“Que saco, essa história toda.”

Essa história é sua história, nossa história, mas ele não quer ouvi-la. Quando pequeno, era mais curioso, mais corajoso, perguntava mais. Olhava aque-

le pai jovem... Aquela fotografia de Diego na geladeira, presa por um ímã, enrugada pelos vapores da cozinha. E me abraçava, ficava grudado em mim. Quando cresceu, não perguntou mais nada. Seu universo se restringiu a suas necessidades, a seus pequenos egoísmos. Não quer complicar a vida, os pensamentos. Para Pietro, o pai é Giuliano, era ele que o acompanhava à escola, que o levava ao pediatra. Foi ele que lhe deu aquela palmada na praia, quando se afogou no raso.

Escovo os dentes, visto o casaco, volto para o quarto dele. Ainda está de cueca, toca violão de olhos fechados, a palheta arranhando as cordas.

A viagem da esperança. Penso de novo naquelas palavras que por acaso me caíram sob os olhos. Penso em Pietro. A esperança pertence aos filhos. Nós, adultos, já tivemos esperança, e quase sempre a perdemos.

“Prepare pouca bagagem, de mão.”

Não responde, assobia.

Estamos no carro, Roma ainda está pálida. Pietro está sentado atrás, com seu ray-ban e os cabelos reluzentes de gel.

Você não pode fazer esse desaforo com sua mãe, disse-lhe Giuliano ontem durante o jantar. Pietro ligou para seu amigo David para avisar que não iria ao curso de vela, que viajaria comigo. O amigo deve ter perguntado quando voltaria. Pietro afastou o celular da boca e me perguntou: *Quando voltamos?*

Olhei para Giuliano. *Logo*, respondi.

Logo, disse Pietro ao amigo no celular.

“Volte logo”, diz Giuliano, no aeroporto, enquanto nos beijamos. Depois abraça Pietro, pondo-lhe a mão na nuca e puxando-o para si. Pietro se deixa prender, abaixa a cabeça e com ela roça a de Giuliano. Ficam assim por alguns segundos.

“Comporte-se.”

“Pode deixar, papai.”

Deposito a bolsa na esteira e vamos para o outro lado. Passamos pelos anúncios luminosos da Lancôme, dos Prada Eyewear, as rodinhas de minha maleta deslizando atrás de mim. Paro e me viro. Giuliano não foi embora,

ainda continua ali. Olha para a entrada por onde desaparecemos. As pernas abertas, as mãos no bolso como um motorista à espera, uma figura anônima no vaivém das pessoas. Como se, depois de partirmos, tivesse perdido sua identidade. Está com a fisionomia diferente, inerte, os músculos parecem ter cedido. Num segundo percebo a solidão em que o deixei. Ele me vê e se reanima, agita os braços, adianta-se num salto, sorri. Faz sinal para eu me apressar, para andar logo. Manda vários beijinhos à distância, franzindo a boca no vazio.

Estamos no avião. O violão de Pietro ocupa um compartimento inteiro acima de nossos assentos. A aeromoça não criou problemas, a classe econômica está bem vazia. A executiva, porém, está cheia. Homens de negócios com gravatas de grife, em vez daquelas opacas e sintéticas de antigamente. Novos-ricos do Leste, cevados na dor de seus conterrâneos. Leem jornais financeiros, comem refeições quentes e tomam champanhe.

Chegam nossas bandejinhas, frias, mirradas. Duas fatias de presunto cozido defumado, salada de legumes em conserva, um doce embrulhado em celofane. Pietro devora seu prato e lhe dou o meu. Ele chama a aeromoça, pede mais pão. Em inglês, com uma pronúncia razoável. Fico realmente surpresa. Sorri para a aeromoça. Está lindo essa manhã, com os olhos cintilantes como dois trechos de mar.

Estamos sobrevoando o Adriático. Ele mastiga e contempla o azul lá embaixo, eu olho para ele, os traços de seu perfil clareados pela luz que atravessa a janela.

A aeromoça volta com o pão, Pietro agradece, sua voz rouca até parece bonita. As mães de seus amigos me dizem que ele é muito educado e me elogiam. É um grande hipócrita esse meu filho, só comigo ele é malcriado.

Dá uma mordida no doce, um pequeno retângulo gorduroso coberto de glacê. Não gosta, oferece-o a mim.

“Quer?”

Parece-lhe natural que eu tenha de comer seus restos.

“Não, obrigada.”

Fica com aquela coisa manteigosa que se esfarela na mão.

“Não estou com vontade...”

“Então deixe aí.”